



TRANSEXUALIDADE E POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA CIDADANIA TRANS: AÇÕES DA GERÊNCIA DE LIVRE ORIENTAÇÃO SEXUAL

PASTOR, Wellington Bezerra¹

O Estudo apresenta um relato de experiência de travestis e transexuais do Recife, descrevendo as dificuldades desses sujeitos quanto à expressão pública de sua identidade sexual. Apresentado por meio de uma Mostra de textos e fotografias, com o objetivo de enfrentar a transfobia e promover valores de respeito à diversidade sexual. Foi elaborado numa abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Constatou-se a necessidade do fortalecimento de políticas públicas para a cidadania da população Trans.

Palavras-chave: transfobia, diversidade sexual, políticas públicas.

¹ Especialista em Gestão Pública (IFPE) Gerente de Livre Orientação Sexual da Prefeitura Municipal do Recife/PE. wbpastor@gmail.com

Este trabalho surge a partir da minha experiência como gestor da Gerência de Livre Orientação Sexual (GLOS) – organismo vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos da Prefeitura da Cidade do Recife, cujo objetivo é atuar como articulador para a construção e o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT nesse território.

A partir das ações desenvolvidas por esta Gerência, levantamos os seguintes questionamentos: Quais as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho pelo segmento de Pessoas Trans? E quais são as dificuldades e demandas desse segmento quanto à expressão pública de sua identidade sexual? O objetivo deste trabalho é compreender as dificuldades dessa população, quanto ao acesso ao mercado do trabalho formal e elaborar estratégias com vistas a ampliar o acesso das Pessoas Trans ao mercado de trabalho, na perspectiva de estabelecer uma cultura de respeito e assim diminuir o preconceito e a discriminação contra a população de Travestis e Transexuais na Cidade do Recife.

Historicamente, as Pessoas Trans são invisibilizadas, estigmatizadas, marginalizadas e perseguidas devido à crença na sua ‘anormalidade’, o que decorre da ideia que o “natural” é as pessoas se identificarem com o gênero que lhes é atribuído ao nascer, esperando-se delas o comportamento que a sociedade julga ser o “adequado” para esse ou aquele gênero.

Entretanto, a sexualidade humana apresenta algumas variações para além dos aspectos institucionalizados na trajetória da humanidade, não sendo isso uma descoberta dos tempos modernos, mas uma variação do gênero humano que ocorre naturalmente e que foi observada e documentada desde a antiguidade (FREUD, 1905).

Assim, a transexualidade é uma questão de identidade. É a percepção desse sujeito quanto à subjetividade de sua sexualidade. Segundo Zambrano (2011) a transexualidade pode ser compreendida quando:

O sujeito transexual descreve a si mesmo como pertencente a um gênero discordante do sexo biológico, com o qual nasceu. Tem a experiência subjetiva de si como a do sexo oposto a seu biológico e quer viver socialmente de acordo com tal convicção. Utiliza a própria subjetividade para construir e dar sentido a uma “identidade”, ainda que em

desacordo com a expectativa cultural da combinatória do sexo/gênero (ZAMBRANO, 2011 p. 98).

No entanto, nossa sociedade continua a estigmatizar fortemente as Pessoas Trans que, segundo estudos são a parcela da população LGBT mais violada em seus direitos civis básicos – incluindo o reconhecimento de sua identidade. Uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 2009, identificou um alto grau de intolerância e de preconceito contra as pessoas LGBT no Brasil, quase a totalidade da população (93%) respondeu afirmativamente que acredita que existe preconceito contra travestis. O percentual equivale a 91% contra transexuais, a 92% contra gays e lésbicas, e 90% da população são de opinião que no Brasil há preconceito contra bissexuais.

Esses dados mostram não só o preconceito e a discriminação contra Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, mas revelam também que a sexualidade e suas variações ainda não são compreendidas. Pensar na experiência transexual é pensar no deslocamento do gênero (masculino/feminino) atribuído pela cultura ao sexo de nascimento (macho/fêmea). O que provoca profundo desconforto nas instituições sociais e culturais, uma vez que denunciam as falhas e o fracasso de uma ideologia essencialista, naturalista e totalitária.

Essa “incompreensão” se reflete nas variadas formas de violências vividas cotidianamente pelas Pessoas Trans, que sofrem a exclusão do seio familiar, da escola e do convívio social e, conseqüentemente, do mercado de trabalho formal, mesmo que tenham qualificação – sendo forçadas a sobreviver na marginalidade, em geral como profissionais do sexo. É fundamental, portanto, reforçar que nem toda Travesti ou Mulher Transexual é profissional do sexo.

Para responder às questões propostas por este Estudo, foram realizadas 30 entrevistas com pessoas que se identificam como Travestis e Transexuais, moradoras da Região Metropolitana do Recife, com idade entre 18 e 50 anos, no período de outubro a dezembro de 2013. Para a realização das entrevistas foi utilizado um roteiro semiestruturado, a partir do objetivo geral mencionado. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas com base na proposta de Bardin (1977) sobre a Análise de Discurso.

Durante as entrevistas buscou-se o entendimento acerca da transexualidade a partir das compreensões e vivências das/os entrevistadas/os e da percepção de suas identidades.

Desta forma percebemos que logo na infância a reconstrução do corpo e do gênero é marcado pelo conflito, e pelas dificuldades quanto à expressão pública da identidade sexual. Como podemos observar nas falas das/os Mulheres e Homens Trans entrevistadas/os:

“Minha infância foi marcada pelo desejo de brincar com as bonecas de minha irmã, sempre gostei mais dos brinquedos dela, do que dos meus. Não podia brincar com os brinquedos que eu gostava, não podia vestir as roupas que eu queria, não podia ser do jeito que gostaria de ser, não podia ser eu” (Rayanne Romanelly, Mulher Transexual).

“Na minha infância, gostava mais das ‘brincadeiras de menino’, como dizem as pessoas. O que eu queria era apenas brincar e me divertir com meus colegas, sem os julgamentos das pessoas, que também costumam dizer como as meninas devem se comportar, o que elas devem fazer e como devem ser. Eu nunca quis essa vida pra mim, sempre quis mais, sempre quis ser Homem” (Leonardo Tenório, Homem Transexual).

Essa relação também é descrita por Bento (2006):

Após o nascimento da criança, os investimentos discursivos dirigem-se para a preparação do corpo, a fim de que este desempenhem com êxito os papéis de gênero: bonecas, saias e vestidos para as meninas; bolas, calças e revólveres para os meninos. Parece que nada escapa à “panóptica dos gêneros”. O mundo infantil se constrói sobre proibições e afirmações (BENTO, 2006, p. 89).

Pode-se observar que a expressão pública das identidades surge como uma das principais demandas do movimento de Pessoas Trans, sendo um desafio para a população Trans o processo de questionamento e rompimento com as definições sociais do que deva ser um "Homem" ou uma "Mulher":

“Era muito mais fácil quando eu não tinha ‘virado’ travesti, pois os homens gays são mais aceitos na sociedade, quando eles passam não são apontados. É muito ruim quando a gente passa na rua e as pessoas ficam apontando e com seus olhares recriminatórios, por isso digo: é muito mais fácil ser gay, pois a vida das travestis é muito difícil. Na rua, os tratamentos, as tentativas de me coagir eram constantes, alguns brincavam, outros riam alguns até falavam comigo, pois dificilmente você vê na rua um homem falando com uma travesti, eles têm medo do que as pessoas podem falar. A realidade é que muitos só querem falar comigo na calada da noite para um sexo casual sem compromisso ou para me explorar” (Wanessa Sampaio, Travesti).

“Historicamente as mulheres são mais invisíveis para sociedade, e quando qualquer um de nós assume um papel social diferente daquele que a sociedade diz que devemos ter, como ser homem trans, somos ainda mais invisibilizados” (Leonardo Tenório, Homem Transexual).

A impossibilidade de uma educação formal capaz de proporcionar respeito e dignidade aos seus educandos é um fator que dificulta a permanência da população Trans nas escolas e, quando a esta são adicionados os fatores sexualidade e gênero concebidos dentro dos padrões ocidentais, os índices são mais reveladores:

“O período escolar foi o mais tenso pra mim, pois os meninos me excluía e me agrediam verbalmente com as mais perversas palavras. Era um tormento ter que ir para escola, não gostava, por diversas vezes pensei em abandonar, pois não tinha maturidade para encarar meus colegas. Eram horríveis todos aqueles apelidos, não suportava, mas o esforço que eu via minha mãe fazer para pagar uma escola particular para mim e minha irmã me ajudava a superar aquela discriminação” (Rayanne Romanelly, Mulher Transexual).

“Quando me assumi socialmente como travesti, não consegui mais frequentar a escola, havia muito preconceito, exclusão, além do mais, precisava trabalhar para ganhar dinheiro, então fazia uma coisa aqui outra ali pra poder ajudar em casa” (Wanessa Sampaio, Travesti).

Nos relatos apresentados a seguir, podemos verificar como é problemático o acesso ao mercado de trabalho formal pelas travestis e transexuais, fruto do preconceito e discriminação e pela ausência de políticas públicas que garantam direitos civis básicos, tais como documentação que indique o nome social de maneira coerente com sua forma de apresentação enquanto gênero distinto daquele imposto em seu nascimento.

“Cheguei a procurar emprego nessa área, mas infelizmente, nunca tem vaga pra gente! Questionavam minha documentação, argumentando que não correspondia às minhas características físicas. Diziam que as travestis apresentavam históricos de roubo, que podíamos seduzir os funcionários, e que por essas e outras razões muitas de nós, inclusive, não procuravam emprego. O que a sociedade não compreende é que ninguém escolhe ser homem ou mulher” (Cristiane Falcão, Mulher Transexual).

“Durante 10 anos tive que me prostituir para me sustentar e ajudar financeiramente em minha casa, nunca consegui um emprego, e olha que procurei, sempre entregava currículos nas lojas, nas empresas. Em todo lugar onde as pessoas comentavam que estavam recebendo currículos eu levava o meu, mas nunca fui chamada para entrevista alguma” (Wanessa Sampaio, Travesti).

“Se inserir no mercado de trabalho é muito complicado, por isso nunca procurei emprego, pois sei que não teria oportunidade. Não acredito que alguém vai querer me empregar e não quero sofrer mais transfobia” (Leonardo Tenório, Homem Transexual).

A análise das entrevistas permitiu as seguintes observações: a) a compreensão da transexualidade ainda é um desafio para sociedade; pois os referenciais heteronormativos permeiam os discursos fundamentalistas; b) o preconceito e a discriminação com o segmento de Pessoas Trans é ainda mais acentuado com relação a outros segmentos do movimento LGBT; c) a ausência de Políticas Públicas voltadas para a garantia da

cidadania das Pessoas Trans é um grande entrave no processo de inclusão social, econômica e cultural desse segmento.

Assim sendo, a Gerência de Livre Orientação Sexual, com o objetivo de promover uma reflexão que leve ao respeito às diferenças e que provoque nas pessoas um olhar sensível sobre as Pessoas Trans, desenvolveu a Exposição *T: Um Outro Olhar* – uma mostra especial sobre o universo das Pessoas Trans.

As obras mostram retratos do cotidiano de pessoas trans, suas histórias de vida, seus sonhos e suas dores, a luta para vencer o preconceito e a discriminação social na hora de se inserir no mercado de trabalho e como elas venceram as barreiras. A Exposição integra o Programa ‘Recife Sem Preconceito e Discriminação’ concebido pela GLOS para enfrentar a homofobia, e combater a violência e a discriminação contra a população LGBT, na perspectiva da promoção da cidadania e da garantia dos direitos fundamentais.

O coquetel de lançamento da Exposição aconteceu no dia 29 de janeiro de 2014, data que se comemora, no Brasil, o Dia da Visibilidade Trans, no Museu Murillo La Greca, localizado no Recife. A Exposição permaneceu naquele espaço durante 10 dias, sendo instalada posteriormente em outros locais com grande fluxo de pessoas: Estação Central do Metrô do Recife, Aeroporto Internacional do Recife, Biblioteca Popular do Recife, Edifício Sede da Prefeitura da Cidade do Recife, Parque Dona Lindu e Escolas Municipais do Recife.

É importante, portanto, destacar o impacto positivo da Mostra na Cidade do Recife, revelado através da aceitação das pessoas e dos responsáveis pelos espaços que receberam o evento – totalizando 8.536 visitantes que assinaram o Livro da Exposição T: Um Outro Olhar.

Recentemente, a Exposição foi notícia na Revista Eletrônica Bimestral Memória LGBT, que é vinculada ao Projeto Patrimônio Cultural LGBT e Museus: mapeamento e potencialidades de memórias negligenciadas.

Acreditamos que a diversidade está presente no mundo inteiro, em cada pessoa e em cada ação, fazendo parte de um contexto único, no qual o grande problema está na falta ou no limite da aceitação das diferenças. Conviver com as diferenças é respeitar a diversidade sexual, o que se configura, ainda hoje, como um grande desafio, pois para

viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas existentes.

Referências

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. O que é transexualidade (Coleção Primeiros Passos). São Paulo, Brasiliense: 2008.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

FREUD, Sigmund. Um Caso de Histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. Vol. VII – Brochura. Editora Imago, 2006.

FUNDAÇÃO Perseu Abramo. Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil: Intolerância e respeito às diferenças sexuais. Disponível em:
<<http://www.fpabramo.org.br/node/5392>>. Acessado em: 04/11/2013.

ZAMBRANO, Elizabeth, Transexuais: identidade e cidadania. In: VENTRONE, Gustavo e BOKANY, Vilma (org). Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.